Baniwa denunciam violência

Quando Ajuricaba, líder Manaú, organizou, no século XVIII, o grito da Resistência Indígena no Rio Negro, foi porque estava sentindo as conseqüências da expansão branca sobre seu território. Talvez não imaginasse que dois séculos depois os mesmos povos, acuados para as fronteiras, tivessem de enfrentar mineradoras, como a Paranapanema e a Goldamazon, e centenas de garimpeiros. Além disso, a sua terra está sendo negada justamente por aqueles que por lei deveriam garantir suas áreas. Por interesses econômicos, os povos indígenas do Alto Rio Negro, mais de 15 mil índios, encontram sérios obstáculos para terem elas regularizadas. A não-demarcação de suas terras nas faixas de fronteira, em nome da segurança nacional, é um deles. Nos últimos meses, vêm ocorrendo vários fatos contra os índios desta região. Aqui denunciamos a exploração das mineradoras Goldamazon / Edgar Rohnelt nas terras dos índios Baniwa, do rio Içana, e o espancamento do índio Armando Mora, do mesmo grupo, por militares bêhados

"Fecharam o nosso garimpo"

No dia 12 de abril uma lancha e botes de alumínio com garimpeiros chegaram, através do rio Tunuí, nas terras dos índios **Baniwa** do Rio Içana, no alto Rio Negro. O índio Francisco Apolinário perguntou a eles o que iriam fazer. Os garimpeiros responderam que estavam ali para ver as marcas na fronteira entre o Brasil e a Colômbia. "Me enganaram, diz Francisco, pois eu vi ferramentas para garimpar". "Então me disseram que iriam pesquisar ouro e eu disse que não podiam, pois esta terra é nossa e quem manda aqui somos nós. Assim também falou a Funai".

O chefe dos garimpeiros, de nome Geraldo, não deu importância ao que Francisco falava. Disse ele: "A Funai não sabe nada. Nós somos mais fortes que ela, somos marinheiros e nós mandamos aqui". Assim, Geraldo e seu grupo seguiram caminho. Disseram que iriam para Maimache, pequena localidade na Colômbia, ver as marcas entre os dois países.

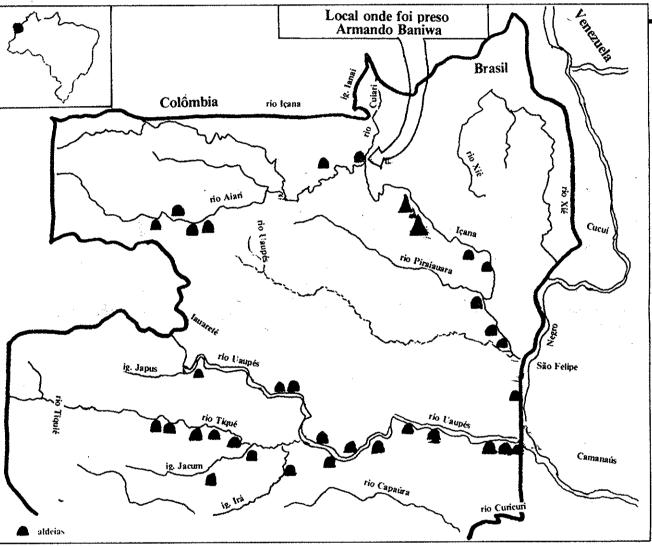
Para Francisco Apolinário, os militares que estão na boca do rio Cuiari, afluente do rio Içana, disseram que o garimpo nas terras dos Baniwa está fechado e lá ninguém entra, nem branco, nem índio. Mas por que então deixaram passar todos estes garimpeiros brancos, pergunta Francisco.

MINERAÇÃO

No dia 17 de abril, os líderes Baniwa se reuniram para denunciar o trabalho escravo indígena a que submetem as empresas mineradoras Edgar Rohnelt / Goldamazon.

"Nós queremos viver livres como viveram os nossos avós. Quando chega branco aqui sempre fala que a Funai não vale nada e não manda nada. Então pergunto, será que ela não vale nada mesmo ou será que seu chefe é comprado pelo chefe da empresa?", disse Antônio Ambauba

Os líderes Baniwa querem que a Funai tome providências, pois os militares que estão na região da boca do rio Cuiará abrem caminho para a empresa Goldamazon, mas não deixam os índios passarem.



"Soldados me bateram"

Armando Mora, indio Baniwa, foi preso e torturado por militares na boca do rio Cuiari e na guarnição militar de São Joaquim, no rio Içana, fronteira com a Colômbia. Armando conta como foi:

"Me amarraram doze horas. Me bateram, me queimaram e rasgaram minha camisa. No dia seguinte me soltaram e me deram outra porrada. Assim fizeram cinco vezes, isto não acho certo, eles estavam abusando da autoridade sem eu negar nada. Tudo o que me perguntavam, eu respondia.

Os soldados estavam bebendo cachaça. Ficaram bêbados e me bateram. Me bateram no estômago, até nos testículos. Um soldadio veio com um cigarro aceso querer meter na minha boca. Eu não quis, fiz força e virei a cabeça para outro lado. Me disseram que iriam me matar ali mesmo. lam me pendurar, amarrar uma pedra no pescoço e me jogar no rio. E continuavam me batendo, porque estavam bêbados.

Na boca do Cuiari me bateram e perguntaram se as espingardas que eu levava era para a guerrilha. Eu disse que não. Eu tenho um contrato com o senhor Milton Pluma Blanca. Eu ia trocar elas por um motor. Eles não acreditaram e me deram socos no estômago. Eu disse para me deixarem, que sou gente co-mo eles. Não escutaram. Arrancaram os cabelos do bigode e da barba. Sou indio Baniwa e quero que a polícia não nos trate como animais. que nos tratem como seres humanos, porque a polícia vem para cá aproveitar de

"Os senhores da terra"

A tese do Governo em não demarcar as áreas indígenas na zona de fronteira até 66 quilômetros, como o caso das terras dos índios **Baniwa**, deve ser rejeitada, dada sua improcedência no que se refere aos direitos destes povos.

A justificativa parte da questão que as demarcações destas terras, sobretudo dos povos que têm suas populações situadas nos territórios brasileiros e de outros países, significaria uma grave ameaça à soberania nacional, dado que um dia eles poderiam pretender a unificação dos territórios e constituir Estados independentes.

Do ponto de vista histórico, esta tese é injusta para com os índios e ilegal, pois viola seus direitos. É tradição jurídica o reconhecimento dos direitos dos povos indígenas nas terras que habitam.

Eles são os "senhores primários e naturais", já dizia o Alvará Régio de 1º de abril de 1680. Este direito é mantido por legislações posteriores, com força constitucional desde a Constituição de 1934 até a atual (Art. 198).

No próximo número, o PORANTIM abordará a problemática das terras indigenas nas fronteiras do País.

Seu aspecto histórico e jurídico. Neste número, o dossiê "Empresas de Mineração e Terras Indígenas" (ver páginas 8 e 9) dá um quadro sobre a exploração de minérios nestas áreas.